

Balsa

Cidade Romana

Balsa, Cidade Romana

município
távira

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
UAlg

município
távira

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
UAlg

Exposição

Organização

Município de Tavira

Conceção

Museu Municipal de Tavira
Universidade do Algarve

Parceria

Museu Nacional de Arqueologia

Comissariado Científico

João Pedro Bernardes
Celso Candeias

Comissariado Executivo

Cristina Neto
Celso Candeias
Daniel Santana
Jaquelina Covaneiro
João Pedro Bernardes
Patrícia Batista
Sofia Motta

Textos

João Pedro Bernardes
Celso Candeias

Tradução

ONOMA Traduções

Conservação e Restauro

Leonor Esteban

Fotografia

Celso Candeias
Direção-Geral do Património Cultural/
Arquivo de Documentação Fotográfica
João Pedro Bernardes
Manuel Maia
Maria Maia
Pedro Soares

Desenhos

Carlos Pereira
Celso Candeias
Estácio da Veiga
Luís Fraga da Silva

Projeto Expositivo e Luminotecnia

Célia Anica, arquitetura, arte & design
Coordenação: Célia Anica
Colaboração: Hélder Magalhães

Design de Comunicação

Sónia Teixeira Pinto

Execução e Montagem

J. C. Sampaio

Apoio Museográfico

Ana Vieira

Vídeo

Cinema Plastique,
Jorge Mestre Simão

Instalações Eléctricas e de Iluminação

Sulésio Martins
Gilberto Pires

Produção Gráfica

Logotexto

Transportes

RNTRANS – Atividades
Transitárias, S.A.

Seguros

Caravela - Companhia
de Seguros, S.A.

Empréstimos

Associação dos Arqueólogos
Portugueses/Museu Arqueológico
do Carmo
Direção Regional de Cultura do Algarve
Eduardo Mendonça
José Centeno
Leonor Estácio da Veiga Afonso Pereira
Museu Municipal de Faro
Museu Municipal de Olhão
Museu Nacional de Arqueologia
Museu Paroquial de Moncarapacho

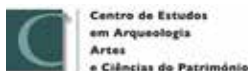
Serviço Educativo

Carla Guerreiro
Patrícia Gonçalves
Ricardo Louro

Agradecimentos

Eduardo Mendonça
Frederica Mendonça
João Servando
Museu Nacional Frei Manuel
do Cenáculo
Pedro Cabrita
Vera Barafusta

O Município de Tavira expressa
o seu reconhecimento a todas
as personalidades e instituições
que tornaram possível a realização
desta exposição.



Co-financiado por:

Catálogo

Título

Balsa, Cidade Romana

Coordenação Científica

João Pedro Bernardes
Celso Candeias

Coordenação Executiva

Celso Candeias
Cristina Neto
João Pedro Bernardes
Daniel Santana
Patrícia Batista
Sofia Motta
Jaquelina Covaneiro

Textos

Alicia Arévalo-González
Carlos Pereira
Catarina Viegas
Celso Candeias
Elena Moreno-Pulido
João Pedro Bernardes
Leonor Esteban
Lívia Silva Spinacé
Maria do Sameiro Barroso
Vasco Gil Mantas

Fichas de Peças

Celso Candeias [CC]
Duarte Santos [DS]
João Pedro Bernardes [JPB]

Projeto Expositivo/Planta

Atelier Célia Anica

Design Gráfico

Sónia Teixeira Pinto

Fotografia

António Cunha (peças n.º 2 a 5, 7, 99)
Cátia Mingote (peça n.º 100)
Celso Candeias (peças n.º 32, 33)
Cinema Plastique, Jorge Mestre Simão
(peças n.º 6, 8 a 12, 21 a 25, 29 a 31, 34
a 37, 43, 46, 48 a 51, 56, 59, 60, 62, 63, 82
(f, g), 84, 88, 91, 94)
DGPC/ADF, José Paulo Ruas
(peças n.º 1, 14 a 16, 20, 26 a 28, 38 a 42,
44, 45, 47, 52 a 55, 57, 58, 61, 64 a 67, 69 a
72, 76 a 82 (a, b, c, d, e), 83, 85, 92 e 96, 98)
DGPC/ADF, José Pessoa (peças n.º 13,
17, 18, 68, 75, 86, 87, 89, 90, 93
DGPC/ADF, Luísa Oliveira
(peças n.º 73, 74, 95)
Hélio Ramos (peça n.º 19)
Ivo Costa (pág. 243 a 245)

Desenhos

Carlos Pereira
Celso Candeias

Impressão

BiteClub - Conceição Barbosa

Tiragem

700 exemplares

Edição

Câmara Municipal de Tavira
Universidade do Algarve – CEAACP
(projeto SAICT-ALG/39581/2018
– BALSA)
2024

Depósito Legal

533478/24

ISBN

978-972-8705-70-1

Os textos são da exclusiva
responsabilidade dos respetivos
autores, nomeadamente no que diz
respeito à adoção ou não do novo
acordo ortográfico.

Museu Municipal de Tavira

Direção

Cristina Neto

Coordenação Geral

Daniel Santana

**Investigação do Território/
Património Cultural**

Corinne Romeira
Luísa Ricardo
Marco Sousa Santos

Conservação e Restauro

Leonor Esteban

Serviço Educativo

Carla Guerreiro
Patrícia Gonçalves
Ricardo Louro

Serviço de Arqueologia

Arqueólogos:
Celso Candeias
Jaquelina Covaneiro
Sandra Cavaco
Assistentes técnicos:
Ana Vieira

Produção Expositiva

Sofia Motta

**Técnicos e Auxiliares
de Museografia**

Anabela Jesus
Alfredo Faleiro
Branca das Neves
Carlos Pires
Custódio Mestre
Isabel Fernandes
José Gregório
Tolentino Ribeiro

Centro de Documentação

Cecília Dias

Secretariado

Ismael Dias
Pedro Santos

Auxiliares

Antonieta Luz
Maria da Conceição Pereira

18

Antes de *Balsa*

Celso Candeias
João Pedro Bernardes

76

As cerâmicas de *Balsa*

Catarina Viegas

28

**As investigações
arqueológicas em *Balsa***

João Pedro Bernardes
Celso Candeias

86

**O *Instrumentarium*
médico-cirúrgico
Greco-Romano**

Maria do Sameiro Barroso

42

**Monumentos antigos
de *Balsa* e inscrições inéditas.
Os pedestais da Quinta
da Torre de Ares**

Vasco Gil Mantas

96

**Vestígios das disposições
na morte e *funus* nas
necrópoles romanas de *Balsa***

Carlos Pereira
João Pedro Bernardes

56

**A sociedade balsense.
Uma análise social
através da epigrafia**

Lívia Silva Spinacé

108

Conservação Arqueológica

Leonor Esteban

118

Catálogo

66

**De mão em mão,
a moeda de *Balsa***

Elena Moreno-Pulido
Alicia Arévalo-González

242

***Balsa*, o Projeto Expositivo**

Atelier Célia Anica

Vestígios das disposições na morte e *funus* nas necrópoles romanas de *Balsa*

Carlos Pereira¹

UNIARQ - Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras,
Universidade de Lisboa
FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia

João Pedro Bernardes²

CEAACP - Universidade do Algarve

¹ carlos_samuel_pereira@hotmail.com / ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4116-3602>

² jbernar@ualg.pt / ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1086-2128>

Introdução

A vida e morte em época Romana é um tema que sempre suscitou o interesse dos investigadores. São vários os motivos que estão por detrás desta situação, entre os quais o facto de ser nestes contextos que podemos encontrar os mais bem conservados materiais ou de a morte ter sido sempre um tema que estimulou a imaginação humana e a busca pelo perene. No entanto, as necrópoles em época romana não eram apenas espaços de acumulação cadavérica e a sua integração na vida quotidiana dos cidadãos está demonstrada pela literatura clássica e também pela Arqueologia (Rodríguez Neila, 2008: 308; Rossetti, 1999: 235-236).

Infelizmente, este interesse não está patente nas necrópoles romanas do Algarve. Embora se conheçam abundantes espaços da morte, tem-se-lhes dedicado pouca atenção (Pereira, 2018: 457). Esta situação deve-se quer ao facto de a maioria dos dados ter sido coletada em intervenções antigas, quer por muitas das intervenções recentes se integrarem em contexto de emergência, o que nem sempre é propício à sua divulgação e à realização de estudos detalhados. Conquanto alguns casos tendam a contrariar esta tendência (Bernardes *et al.*, 2019; Pereira e Coelho, 2021), aproveitando o facto de já ter sido realizado um estudo conjunto de todos os dados antigos e recentes (Pereira, 2018), será necessário que no futuro se concretizem investigações metódicas e concretas em algumas necrópoles. Somente assim se poderá ampliar o conhecimento das atitudes perante a morte em época romana nesta região.

Neste âmbito, os espaços funerários da cidade romana de *Balsa* representam um caso paradigmático, contudo antagónico. Estando disponível uma quantidade apreciável de artefactos e de documentos herdados do pioneiro da Arqueologia Portuguesa, o entendimento que podemos alcançar sobre: as associações materiais nas sepulturas; os ritos praticados e orientações dos sepulcros; a planta das necrópoles e a diferenciação de áreas concretas dentro de cada uma delas; a relação com as vias e com as áreas suburbanas (bairros, áreas industriais, portos); entre outros aspetos, está ainda muito longe de ser o ideal. Desejamos que num futuro próximo, à imagem do recente projeto liderado pela Universidade do Algarve, se possam compilar novos dados sobre as necrópoles de *Balsa*.

Por estes motivos, os dados que podemos aportar com este estudo ficam aquém do que seria desejável e apoiam-se quase exclusivamente no espólio que foi recuperado desde o final do século XIX e primeira metade do século XX, sobretudo por Teixeira de Aragão e Estácio da Veiga. Assim, devemos entender algumas das ilações, mormente as que se relacionam com a construção de uma paisagem funerária e dos processos fúnebres, como sugestões culturais de uma sociedade heterogénea, carecendo ainda de diferenciações culturais definidas e fundamentadas.

A Localização das Necrópoles

A localização das necrópoles da cidade romana de *Balsa* é uma questão que atualmente não oferece grandes dúvidas. Ainda assim, persistem algumas incertezas sobre os limites exatos ou eventuais deslocamentos das áreas nucleares funerárias, problemáticas que, se deslindadas, permitirão um maior detalhe sobre os limites e dinâmica demográfica da própria cidade.

Sabemos que a necrópole norte estaria localizada a cerca de 300 m a norte da capela da quinta de Torre d'Ares (Fig. 1), informação que nos foi transmitida por Estácio da Veiga, a qual concorda com a própria geografia da cidade romana e com o traçado viário. A existência da importante via *Baesuris-Ossonoba*, que passaria próximo da cidade (Santos, 1972; Mantas, 1990: 192; Rodrigues e Bernardes, 2004: 141; Rodrigues, 2004: 32 e 44), a norte, tem sido frequentemente utilizada para reforçar a localização das necrópoles balsenses. No caso da necrópole norte a sua relevância está, pois, justificada quer pelo facto de se situar em redor de um dos principais ramais de acesso àquela via, mas também devido a esse ramal dar acesso à via central do Algarve que se dirigia para Norte (Mantas, 2002; Rodrigues, 2004: 75).

Infelizmente, pouco mais se pode avançar sobre este espaço funerário. Pelos dados que detemos atualmente, sobretudo os reunidos pelo pioneiro algarvio Estácio da Veiga, podemos supor que seria uma das principais necrópoles da cidade, senão mesmo a mais importante, situação que outorga uma grande relevância ao ramal mencionado e permite intuir tratar-se, aparentemente, de um dos principais



Fig. 1
Localização aproximada das necrópoles da cidade romana de *Balsa* (imagem obtida através do Google Earth). A: Ribeira da Luz; B: Ribeiro das Antas; C: Ribeira da Chareca; D: Ribeira do Arroio; Ac: Acrópole; N: Necrópole Norte; Oc: Necrópole Ocidental; Or ? : Necrópole Oriental.

menos, outros dois espaços funerários: um a oriente e outro a ocidente da cidade (Fig. 1). Tem-se assumido que a necrópole oriental se implantou no espaço que atualmente incorpora as Quintas das Antas e do Arroio, porém, um de nós já assumiu que persistem dúvidas sobre os limites desta necrópole (Pereira, 2018: 257-259), situação que se deve também às incertezas de localização de trabalhos

acessos à cidade. O volume do espólio, a elevada quantidade de sepulcros e a relevância dos finados isso parece confirmar.

A disposição viária descrita permite corroborar a existência de, pelo

antigos aí efetuados e respectivas breves descrições feitas pelos intervenientes, nomeadamente, Teixeira de Aragão e Estácio da Veiga.

Sendo certo que a localização deste espaço a oriente da cidade é ainda difícil de determinar, os recentes trabalhos que se têm desenvolvido no local³ permitiram ponderar outras possibilidades. Embora a planta encomendada por Estácio da Veiga⁴ represente um espaço funerário entre a Ribeira da Chareca e a Ribeira do Arroio, localização que um de nós havia assumido (Pereira, 2018: 257-259),

³ Destacam-se os trabalhos de prospeção geofísica, não se tendo registado vestígios funerários, mas cuja ausência se pode dever à sua destruição.

⁴ Documento realizado em 1877, por Tavares Bello (desenho do acervo Estácio da Veiga, Museu Nacional de Arqueologia).

não parece improvável que esta necrópole integre os equipamentos de uma eventual *villa* suburbana, estando a da cidade localizada mais a ocidente, talvez entre as Ribeiras das Antas e da Chareca. Deve referir-se neste âmbito que da Quinta das Antas, localizada entre estas linhas de água, é proveniente a conhecida urna de chumbo oferecida ao pioneiro algarvio. Todavia, os trabalhos desenvolvidos não permitem ainda esclarecer esta questão.

Também neste caso a necrópole estaria próximo ou atravessada por um eixo viário, concretamente o de *Baesis-Ossonoba* (Rodrigues, 2004: 44), não sendo improvável a sua proximidade a um dos principais equipamentos lúdicos da cidade (Silva, 2007). Seguramente que, neste caso, a linha de água marcou uma separação profilática entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, representação simbólica do rito de passagem dos Rios Estige e Aqueronte.

Com os dados obtidos nos recentes trabalhos, é hoje possível reconhecer a existência de uma terceira necrópole nos limites externos da cidade, a ocidente (Fig. 1). Dela foram escavadas em 2017 duas sepulturas tardias (Dias *et al.*, 2018: 190; Dias *et al.*, 2020: 1404) e as prospeções geofísicas de 2020 e 2021 apontam para a existência de mais túmulos⁵. Por outro lado, os trabalhos arqueológicos têm sido bastante esclarecedores sobre os limites da cidade (Dias *et al.*, 2020: 1403-1405), que seriam mais concentrados e se encontravam consideravelmente antes da Ribeira da Luz (Mantas, 2004: 450).

As evidências sepulcrais na *Balsa* romana

Atendendo ao que já se comentou nas páginas precedentes, facilmente se compreende que não é fácil determinar com detalhe as disposições na morte e os ritos do *funus* anunciados pelo título deste trabalho e que foram praticados pelos habitantes da cidade romana de *Balsa*. Conquanto Estácio da Veiga nos tenha deixado um legado considerável de manuscritos que registaram as suas investigações, neles figuram poucos apontamentos sobre a recolha e associação de materiais. Esta situação é particularmente evidente no caso da necrópole norte, da qual nos transmitiu

uma contabilização mínima de, sensivelmente, 120 sepulturas onde apareceu espólio funerário, mas às quais se deverão acrescentar as que não tinham quaisquer materiais, situação frequente nos séculos III e IV. A totalidade de sepulturas neste caso poderia facilmente ultrapassar, sem grande surpresa, as duas centenas, sobretudo se tivermos em conta que Estácio da Veiga era familiar dos proprietários que lhe concederam integral acesso aos terrenos. Esta abundância de espólio funerário, embora possa dever-se ao maior investimento e área escavada desta necrópole comparativamente às restantes, é reveladora de uma densidade populacional considerável, sobretudo durante os dois primeiros séculos da nossa Era.

A extensão da intervenção e a eventual concentração de sepulcros potenciou a recolha de uma quantidade considerável de materiais bem conservados⁶, volume que, embora por si já elevado⁷, acreditamos não estar sequer próximo daquilo que terá sido a realidade (Pereira, 2018: 101). É bastante provável que nesta necrópole se tenham recolhido outros artefactos, mais fragmentados, que integravam os contextos de frequentação do espaço cemiterial, que correspondiam a oferendas colocadas *super sepulcrum* ou que integravam conjuntos utilizados na própria manutenção dos memoriais e da necrópole.

Apesar das várias contingências é possível delinear algumas conclusões acerca das disposições e mormente dos ritos praticados nas necrópoles desta importante cidade romana. Desde um primeiro momento ficou clara a presença de um considerável número de sepulturas de incineração, quer na necrópole norte quer na necrópole oriental, algo que foi confirmado pelas passagens de muitos dos documentos herdados do pioneiro tavirense. No entanto, não é possível determinar o volume destas comparativamente às de inumação, nem saber que artefactos concretos lhes estavam

⁵ vd. texto neste volume sobre as investigações em *Balsa*.

⁶ O conjunto é composto por um total de 758 peças: 10,8 % de C. Comum; 0,5 % de cerâmica africana de cozinha; 1,5 % de unguentários de cerâmica; 3,2 % de *terra sigillata*; 5,6 % de paredes finas; 7,8 % de lucernas; 23,3 % de recipientes de vidro; 17,8 % de artefactos de osso; 1,6 % de líticos; 28,3 % de artefactos metálicos; 0,4 % de monumentos epigráficos.

⁷ Uma análise detalhada de todo o suposto conjunto funerário procedente desta necrópole pode ser consultada em Pereira, 2018: 101-250.



Fig. 2

Alguns dos recipientes de *terra sigillata* recuperados nas necrópoles de *Balsa*:

n.º 1, Herm. 90.5;

n.º 2, Hayes 123;

n.º 3, Hayes 147;

n.º 4, Hayes 134.

associados. Através de alguns excertos apenas podemos intuir alguns dos ritos praticados. A título de exemplo, quando mencionou uma “urna de vidro fracturada com

incineração e um prego de cobre” notamos que também em *Balsa* se terá praticado a deposição de pregos de cobre juntamente com os restos mortais. Estes pregos deixam trans-parecer um claro carácter mágico-religioso que se poderá relacionar com a transição, sem retorno, que representa a morte. São componentes do espólio funerário, sempre de bronze, e não tiveram qualquer função prática durante a sua deposição. Teriam como finalidade a fixação do cadáver à terra ou à sepultura, protegendo-o simultaneamente de forças malignas e de possíveis profanações (Ceci, 2001: 90; Castanyer, 2003: 49;

Vaquerizo, 2010: 41; Alfayé, 2010: 432).

Tal como neste caso, a maioria das disposições e dos ritos praticados pôde ser intuída a partir dos materiais. Ainda que muitos deles integrassem serviços que continham as oferendas ou se destinassem a um uso meramente pragmático, de contenção das cinzas, alguns correspondiam claramente a recipientes de uso individual que poderiam, eles próprios, ajustar-se a oferendas isentas de conteúdos. Não é novidade que alguns recipientes de uso individual foram incluídos na tumba apenas por fazerem parte do universo de artefactos utilizados diariamente pelo defunto, sendo, como tal, pessoais e intransmissíveis. Esta situação é transversal à maioria das categorias cerâmicas, sendo certo, contudo, que é mais frequente no caso das cerâmicas comuns, destacando-se as tigelas, taças ou púcaros. Em abono da verdade, tampouco podemos excluir que estes recipientes tenham recebido conteúdos perecíveis, eventualmente alimentos, mas dos quais



Fig. 3

Exemplares de cerâmica de paredes finas procedentes da necrópole Norte de Balsa:

- n.º 1, píxide;
- n.º 2, Mayet XL;
- n.º 3, Mayet XXXIV;
- n.º 4, Mayet XLIIA.

não restou qualquer vestígio. Lembramos que em algumas necrópoles romanas do Algarve existem indícios que permitem supor a presença de, por exemplo, ovos no interior

de recipientes com estas características (Pereira, 2018: 363-364 e 393). Com efeito, a colocação de alimentos nas sepulturas parece ter sido uma prática comum nas necrópoles romanas da atual região algarvia.

Igualmente relevante, ainda que neste caso seja um tanto ou quanto contraditório, é a presença dos recipientes de *terra sigillata* (Fig. 2). Presente sobretudo durante o Alto-Império, desta categoria surgem formas raras nas sepulturas dos cidadãos balsenses, motivo que pode justificar o facto de o uso preferencial de espólio votivo nas necrópoles de Balsa

continuar a ser dominado pelas paredes finas e pela cerâmica comum. Todavia, mais uma vez devemos ser cautos nas conclusões, pois este panorama apenas oferece uma leitura muito generalista da situação, sem que tenhamos conhecimento de contextos funerários ou associações artefactuais. Ainda assim, não parece improvável que parte da população, com maior poder aquisitivo, preferisse fazer-se acompanhar na morte pelos mais exóticos recipientes, como poderia ser o caso das formas Herm. 90.5, Hayes 123, 126, 134, 147 e 161.

Mas se a limitada quantidade de recipientes de *terra sigillata* não permite reforçar a noção de uma população heterogénea do ponto de vista social, cultural e, sobretudo, financeiro, o mesmo não pode ser dito sobre os conjuntos de paredes finas, de recipientes de vidro e de lucernas. Ainda que neste caso a quantidade e diversidade não possa relacionar-se com a presença de habitantes abastados, pois as lucernas documentadas integram maioritariamente



Fig. 4

Recipientes de vidro recolhidos na necrópole Norte de *Balsa*:
n.º 1, Isings 85a;
n.º 2, Isings 49;
n.º 3, IN 39/AR 198;
n.º 4, Trier 49d/IN 105;
n.º 5, Isings 82.

formas e repertórios recorrentes, os restantes conjuntos com frequência oferecem formas e produções consideradas exóticas e de acesso mais restrito, apenas ao alcance de membros privilegiados da sociedade.

A cerâmica de paredes finas é a categoria que parece ter logrado maior sucesso nas necrópoles urbanas do século I. O conjunto da necrópole norte de *Balsa* (Fig. 3) é, além disso, um dos conjuntos mais emblemáticos e variado a nível nacional. As formas mais comuns que se puderam atestar nos contextos funerários foram as Mayet XXIV, XXVII, XXXIII, XXXIV, XXXVIIA, XXXVIII, XL, XLIIA, algumas de produção claramente local, mas outras formas, mais raras, também constituíram parte do mobiliário fúnebre dos cidadãos balsenses, é o caso das formas Moevs X,

Mayet VIIIb, XXB, XXC, XXI e LII. A maioria dos contentores de paredes finas reflete a estreita relação desta área geográfica com a área atualmente andaluza, de onde é proveniente a maioria destes recipientes.

O êxito do consumo de paredes finas nas necrópoles de *Balsa* foi, contudo, efêmero. O sucesso e a rápida disseminação dos recipientes fabricados com vidro, assim como a maior variedade morfológica que ofereciam, culminou numa contração evidente do consumo das cerâmicas de paredes finas, embora algumas formas ainda possam ter persistido até, pelo menos, meados do século II. Tal como no caso anterior, também os recipientes de vidro oferecem formas comuns (Fig. 4), como é o caso dos copos ou taças das formas 32, 34 e 35 de Isings, pratos da forma 49, jarras dos tipos Isings 57 e Morin-Jean 40 ou frascos de tipo Isings 62, sendo igualmente abundantes em contextos funerários os unguentários (formas Isings 6, 7, 8, 28 e 82). Outras formas, porém, podem ser consideradas como exemplos



Fig. 5

Urnas recuperadas nas necrópoles de Balsa: n.º 1, urna de chumbo procedente da Quinta das Antas (Fotografia cedida pelo Museu Nacional de Arqueologia); n.º 2 a 4, urnas de cerâmica comum da necrópole Norte.

Fünfschilling, 2015: 490) ou IN 39 (Foy *et al.*, 2018: 47; Sánchez de Prado, 2018: 265), podem reclamar datações mais tardias para algumas sepulturas, eventualmente dos séculos III ou IV, situação que está de acordo com o panorama das necrópoles de centros cosmopolitas. No entanto, apesar de alguns artefactos parecerem delatar a existência de sepulturas ricas em momentos avançados de época romana, esbarramos novamente na limitadora impossibilidade de estabelecer associações concretas.

de contentores raros representativos de grupos sociais mais destacados, é o caso da forma Isings 60, IN 39 e, eventualmente, Trier 49d. Por outro lado, algumas destas formas, como acontece com a Trier 49d/IN 105 (Foy *et al.*, 2018: 106;

Sobre as lucernas, como dissemos, o conjunto não é excecionalmente representativo de finados socialmente destacados ou aos quais se possa atribuir uma eventual relação cultural através da iconografia representada. No entanto, é-o pelo simbolismo que representam na sepultura. Além da evidente função utilitária que deverão ter desempenhado durante o *funus*⁸ e o facto de essa utilização poder associar-se a uma contaminação funesta que justificava o seu abandono na sepultura, outras intenções podiam legitimar esta presença. Neste âmbito não podemos esquecer que a sepultura era considerada como uma morada eterna e, como tal, o finado necessitava dos mesmos artefactos que utilizou em vida. Assim, as lucernas ganhavam uma importância acrescida,

⁸ Lembramos que todo o processo poderia levar alguns dias e que alguns rituais deveriam ser praticados durante a noite ou em locais de escassa iluminação natural. Sobre o *funus* vd. Vaquerizo, 2010.

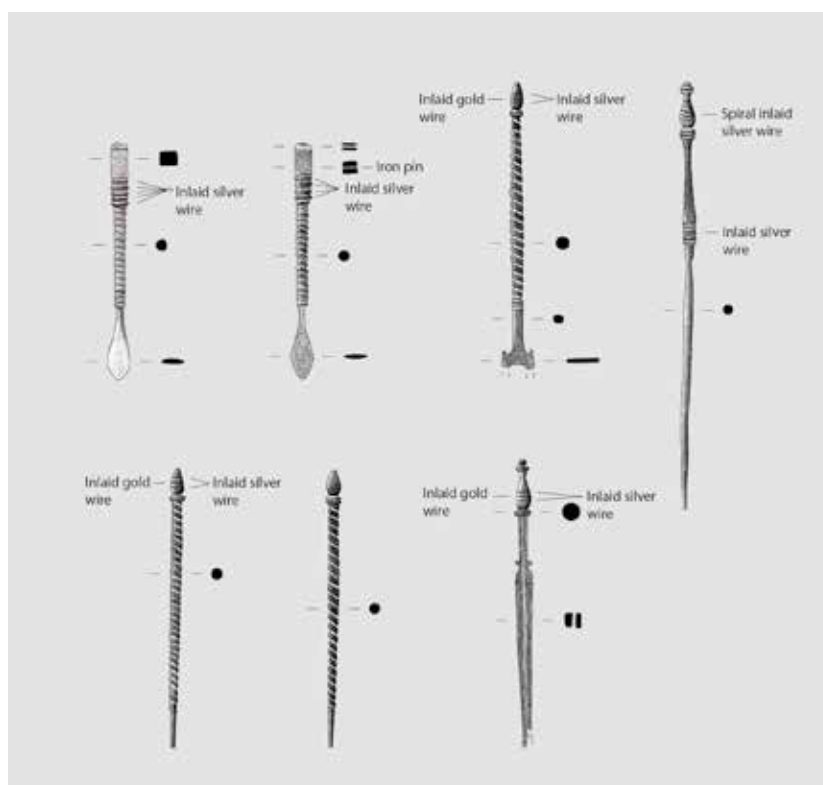


Fig. 6
Conjunto/kit de instrumentos médicos recuperados na necrópole Norte de Balsa com embutidos de ouro e prata (reproduzido a partir de Pereira, 2019).

dotando de luz a casa dos mortos (Riso, 2012: 46). Outros simbolismos podem ser-lhes imputados, como a sua utilização durante vigílias aos mortos (Seidel,

2009: 84), de rituais ou correspondendo a oferendas personalizadas contendo inscrições mágico-votivas.

Embora não tenhamos registos que nos permitam contrastar o número de incinerações com o de inumações enquanto reflexo das disposições na morte dos habitantes de Balsa, a presença de urnas cinerárias atesta inequivocamente que aquele rito foi frequente. Uma delas, de chumbo, foi recuperada na Quinta das Antas e oferecida a Estácio da Veiga (Fig. 5, n.º 1). Trata-se de uma urna destinada a conter os restos de uma incineração, com forma paralelepipedal retangular conservando ainda a respetiva tampa. Durante os séculos I e II era frequente a utilização de contentores plúmbeos para a contenção das cinzas, principalmente em necrópoles

urbanas, prática utilizada também em inumações.

Mais frequentes são as urnas de cerâmica (Fig. 5, n.º 2 a 4), as quais contemplam sobretudo os recipientes com formas capacitadas para essa função, com um orifício na base. Este orifício foi claramente concretizado após o fabrico do recipiente e seguramente após a sua utilização em âmbito doméstico (Bonnet e Blazoit, 2007: 222-223), destinando-se seguramente a escoar os líquidos resultantes de eventuais libações. Embora esta possibilidade pareça evidente, não podemos excluir outras, relacionadas com ritos concretos de tratamento dos restos cinerados, como é o caso da lavagem das cinzas. Com efeito, após a incineração os restos eram com frequência triturados (Gonçalves, 2011) e lavados (Bendala Galán, 1999: 54; Hernández García, 2005; Mercado Hervás, 2020: 203), não parecendo improvável que, nestes casos, essa tarefa fosse concretizada estando já as cinzas no interior da urna.

Esta situação demonstra simultaneamente que as urnas podiam corresponder a recipientes

reaproveitados dos conjuntos utilitários da residência, quiçá do próprio finado, e que estas sepulturas deveriam ser visitadas com frequência, prestando-se homenagens e realizando-se libações de diversos tipos como símbolo da vida e da regeneração (Bendala Galán, 1999: 54 e s.), depositando-se flores e oferendas alimentares, algumas destinadas a ser partilhadas com o defunto (Torres-Vila e Mosquera, 2004; Vaquerizo, 2011). Estas cerimónias e banquetes funerários deveriam ser celebrados em datas específicas e podiam estar, ou não, diretamente relacionadas com o defunto. Pretendiam sobretudo renovar o luto e manter as relações com os antepassados, assegurando a sua memória para as gerações futuras (Vaquerizo, 2010: 20).

Situação diferente pode ser intuída para o caso da urna de chumbo, uma vez que corresponde a um contentor fabricado com uma finalidade eminentemente funerária. Além de a matéria utilizada, o chumbo, acarretar um simbolismo mágico-votivo próprio, a especialização do seu fabrico é evidência de que nem todos os cidadãos se podiam permitir a sua compra. De facto, não é frequente a utilização de contentores desta natureza, tal como aconteceu com os de pedra ou os de argila em forma de casa (Beltrán Fortes, 2000; López de la Orden, 2003; Bonnet e Blazoit, 2007).

A Arqueologia da Morte permite também outras leituras, relacionadas com o género e a atividade em vida dos sepultados (Lecuona, 2002), algo que é igualmente observável através dos materiais recuperados nas necrópoles de *Balsa*. Embora a Antropologia Física determine o sexo da maioria dos exumados, baseando-se na morfologia diferenciada do esqueleto humano, em casos mais raros podemos conhecer a profissão do defunto através do espólio que a ele está associado, ainda que a própria Antropologia também forneça indícios nesse sentido.

Alguns instrumentos recuperados por Estácio da Veiga podem ter sido utilizados por um médico romano que viveu e exerceu a sua profissão na cidade romana de *Balsa* durante o século I ou II, é o caso de bisturis, sondas, pinças ou estojos médicos⁹. Infelizmente, também neste caso estamos

impossibilitados de saber se integravam todos o mesmo contexto ou se foram recuperados em sepulturas distintas, ainda que a morfologia, estética e técnicas metaloplásticas permitam considerar muitos deles como um conjunto único, caracterizado por filamentos de ouro e de prata incrustados (Fig. 6). Certo é, contudo, que estes instrumentos desempenharam diferentes funções, como é o caso da exploração e unção, cirurgia simples, higiene de superfície ou material de farmácia. Para a maioria deles é indiscutível que pertenceram a um médico ou a um farmacêutico, quiçá até a ambos se forem provenientes de diferentes sepulturas, algo que está de acordo com a realidade social e demográfica de uma cidade cosmopolita.

Situação distinta é a identificação de outros artefactos nas sepulturas romanas, como é o caso dos espelhos circulares individuais, abundantes nas necrópoles de *Balsa*. Os mais comuns são os espelhos decorados com círculos e com orifícios, por vezes entalhados, e com pega abalaustrada que, dependendo dos restantes materiais que lhes estão associados, podem ser reveladores do género do sepultado. Não é inédito que muitos destes artefactos tenham sido depositados em sepulturas femininas (Anglada e Hayes, 2003: 1209), leitura que evidentemente depende dos estudos antropológicos. Com independência do género que utilizou estes artefactos, são indubitavelmente prova de que alguns cidadãos se preocupavam com a sua aparência pública.

Conclusões

As conclusões que poderemos lograr sobre as necrópoles romanas da cidade de *Balsa* são, infelizmente, muito limitadas face à importância que esta cidade teve na Antiguidade e ao volume de materiais existente. Recordamos que a maioria das sepulturas de *Balsa* foi escavada há mais de um século e que os contextos ou associações materiais se perderam. Somente novos e metódicos trabalhos permitirão corroborar e ampliar o conhecimento sobre as disposições na morte e os ritos praticados no *funus* dos cidadãos balsenses.

Por ora apenas podemos esboçar alguns apontamentos sobre a cronologia de utilização dos espaços funerários, sobretudo das necrópoles norte e oriental

⁹ Uma análise detalhada de todo o instrumental médico foi realizada em Pereira, 2018: 201-219. Vd. texto neste catálogo a propósito destes instrumentos médicos.

da cidade, sobre a vontade, gosto ou algumas das modas da época e ainda sobre a eventual diversidade socioeconómica da população, à qual se soma o facto de conhecermos algumas das profissões exercidas. Estas evidências foram obtidas através da arquitetura funerária e da localização dos espaços funerários, mas foram a elevada quantidade e a diversidade de artefactos os principais provedores de informações que permitiram traçar algumas destas ilações.

Voltando à questão da cronologia, são novamente os artefactos os únicos que permitem apontar uma baliza temporal, que situamos entre o principado de Augusto e o século V d.C., ainda que transparecendo uma concentração indiscutível durante os séculos I e II. Mais difícil é determinar, contudo, fases de utilização, o volume de acumulação cadavérica ou a evolução espacial das necrópoles. Neste sentido, lembramos que uma necrópole, tal como as acrópoles, eram espaços dinâmicos e diversificados, nos quais conviviam mortos e vivos (Rossetti, 1999: 235-236; Rodríguez Neila, 2008: 308), com áreas concretas que se destinavam a diferentes membros da sociedade. Por este motivo, algumas áreas eram mais cobiçadas, como é o caso das próximas às vias de acesso à cidade, comparativamente a outras, mais afastadas daquelas e onde proliferavam tumbas dos mais desfavorecidos e até valas comuns. As necrópoles de *Balsa* deveriam ser, como era norma, o reflexo da sociedade que aí habitava. Por um lado, pretendiam imortalizar a memória e a identidade dos cidadãos às futuras gerações, por outro, ansiavam exibir-se a todos os que por lá passavam, motivo pelo qual as vias cruzavam as necrópoles.

Não é improvável que os espaços funerários de *Balsa* tenham assistido a uma evolução idêntica aos da cidade de *Ossonoba*, cidade com a qual, aliás, partilhou a administração territorial (Bernardes, 2005: 36). Por outras palavras, seguramente que nos primeiros séculos da nossa Era proliferavam as sepulturas de incineração, derradeira consequência de um complexo processo de *funus* que exigia ricos espólios e permitia uma evidente ostentação social. A partir de determinado momento o paradigma terá começado a mudar, aumentando significativamente em número as sepulturas de inumação. Esta situação, não ditou, contudo, o fim da diversidade cultural que até então se praticava ou sequer o desaparecimento dos abundantes materiais que acompanhavam os finados. Pelo contrário, é muito

provável que várias sepulturas de inumação dos séculos III e eventualmente IV perpetuassem algumas das tradições funerárias das gerações precedentes (Pereira, 2018: 460). Aliás, não podemos esquecer que era nas grandes cidades que se encontrava a elite, que frequentemente usufruía da ostentação pública como forma de exaltação familiar. Como vimos, alguns artefactos permitem fortalecer esta possibilidade, nomeadamente alguns dos recipientes de vidro.

Neste sentido, tampouco podemos deixar de mencionar a presença de cidadãos que terão desempenhado profissões nobres na cidade romana de *Balsa*, é o caso, justamente do eventual médico. Sendo certo que nem sempre os médicos gozaram de boa fama na Antiguidade, a partir do século I a.C. aumentou significativamente, para se converterem em membros destacados da sociedade em época Romana Imperial (Pereira, 2018: 200-201; 2019: 210).

Não podemos terminar sem deixar de insistir que, embora os dados não permitam leituras detalhadas dos espaços, das sepulturas e das disposições funerárias nas necrópoles de *Balsa*, é evidente que a população que aí viveu e morreu era bastante diversificada, algo que estava já bem patente na onomástica de alguns cidadãos (Encarnação, 1984: 137-145). Esta diversidade manifesta-se também na morte, desde logo pela preferência pelo ritual da incineração ou da inumação, distinguindo-se algumas sepulturas modestas de outras mais pretensiosas, investindo algumas famílias mais na arquitetura da sepultura do que nos artefactos que acompanharam o cadáver, mas, em última análise, todas as tumbas terão assistido, de uma ou de outra forma, aos rituais associados ao culto dos mortos.

Bibliografia

- Alfayé, S. (2010). Nails for the Dead: a polysemic account of an ancient funerary practice. In R. Gordon & F. Marco Simón, eds. – *Magical practice in the Latin West* (Zaragoza, 2005). Leiden: Brill, p. 427-456.
- Anglada Curado, R. & Hayes, E. (2003). Excavaciones de urgencia en la calle de Enmedio n.º 19 de Carmona (Sevilla): nuevos datos sobre la necrópolis romana. *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 2000(2), 1203-1217.
- Bendala Galán, M. (1999). *El vino en el ritual y el simbolismo funerario en la Roma antigua*. In S. Celestino, ed. – *El vino en la Antigüedad romana* (Jerez de la Frontera, 1996). Serie Varia 4. Madrid: Universidad Autónoma, p. 51-62.
- Beltrán Fortes, J. (2000). Mausoleos romanos de Torreparedones (Castro del Río/Baena, Córdoba): sobre “la tumba de los pompeyos” y otro posible sepulcro monumental. *Habis*, 31, 113-136.
- Bernardes, J. (2005). A relação entre campo/cidade. Os casos de Milreu e Ossunoba. In D. Paulo, coord. – *Caminhos do Algarve Romano*. Catálogo da Exposição (Faro, 2005). Faro: Câmara Municipal, p. 35-42.
- Bernardes, J., Veríssimo, H., Amorim, A. & Martins, A. (2019). A necrópole da Boca do Rio: vivências da morte de uma população costeira no Baixo Império Romano. *Anales de Arqueología Cordobesa*, 30, 333-356.
- Bonnet, C. & Blazoit, F. (2007). Traitements, modalités de dépôt et rôle des céramiques dans les structures funéraires gallo-romaines. In L. Baray, A. Testart & P. Brun, eds. – *Pratiques funéraires et sociétés: nouvelles approches en Archéologie et en Anthropologie Sociale*. Dijon: Université, p. 207-228.
- Castanyer, P. (2003). *10 anys d'arqueologia a l'entorn d'Empúries* (1993-2003). Catàleg de Exposició. Girona: Generalitat.
- Ceci, F. (2001). L'interpretazione di monete e chiodi in cotesti funerari: esempi dal suburbio romano. In M. Heinzelmann, J. Ortalli, P. Fasold & M. Witteyer, eds. – *Römischer Bestattungsbrauch und Beigabensitten – Culto dei morti e costumi funerari romani* (Roma, 1998). Wiesbaden: Deutsches Archäologisches Institut, p. 87-97.
- Dias, V., Bernardes, J., Candeias, C. & Garcia, C. (2020). *Balsa*, topografia e urbanismo de uma cidade portuária. In J. Arnaud, C. Neves & A. Martins, eds. – *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da questão* (Lisboa, 2020). Lisboa: AAP, p. 1399-1412.
- Dias, V., Bernardes, J., Mantas, V., Freire, J. & Dore, T. (2018). A cidade romana de Balsa: novos dados e algumas problemáticas da prospeção geofísica em meios muito humanizados. In *Atas do IV fórum luso brasileiro de Arqueologia Urbana* (Faro, 2017). Faro: Universidade do Algarve-CEAACP, p. 178-195.
- Encarnação, J. (1984). *Inscrições romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- Foy, D., Labaune-Jean, F., Leblond, C., Pruvot, Ch., Marty, M.-T., Massart, C., Munier, C., Robin, L. & Roussel-Ode, J. (2018). *Verres incolores de L'antiquité romaine en Gaule et aux marges de la Gaule*. Archaeopress Roman Archaeology 42. Oxford: Archaeopress, 2 vols.
- Fünfschilling, S. (2015). *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst. Kommentierter Formenkatalog und ausgewählte Neufunde 1981-2010 aus Augusta Raurica*. Forschungen in Augst 51. August: Museum Augusta Raurica.
- Gonçalves, D. (2011). *Cremains. The value of quantitative analysis for the bioanthropological research of burned human skeletal remains*. PhD Dissertation in Biological Anthropology. Faculdade de Ciências, Universidade de Coimbra.
- Hernández García, J. (2005). Ánforas vinarias en la necrópolis de incineración de Águilas. El uso del vino en los rituales funerarios romanos. *Revista Murciana de Antropología*, 12, 101-117.
- Lecuona Viera, J. (2002). Historia de la Arqueología de la Muerte y Bioarqueología en Fuerteventura. *Vector plus*, 20, 31-40.
- López de la Orden, M.ª (2003). Urnas cinerarias de la necrópolis romana de Cádiz. *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 2000, 111-116.
- Mantas, V. (1990). As cidades Marítimas da Lusitânia. In *Les Villes de Lusitanie Romaine: hiérarchies et territoires* (Talence, 1988). Paris: CNRS, p. 149-205.
- Mantas, V. (2004). A Lusitânia e o Mediterrâneo: identidade e diversidade numa província romana. *Conimbriga*, 43, 63-83.
- Mercado Hervás, L. (2020). *La necrópolis romana del Prado de San Sebastián, Sevilla*. Tese de doutoramento. Universidade de Sevilla.
- Pereira, C. (2018). *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda – Museu Nacional de Arqueologia.
- Pereira, C. (2019). A possible uroscopy flask of Roman Age. *Zephyrus*, LXXXIII, 201-212.
- Pereira, C. & Coelho, C. (2021). Memórias sepulcrais romanas do Algarve: dinâmicas de um espaço funerário suburbano. In A. Ruiz Osuna, coord. – *Morir en Hispania. Novedades en topografía, arquitectura, rituales y prácticas funerarias*. Spal Monografías XXXVII. Sevilla: Universidad, p. 237-260.
- Riso, F. (2012). Il culto funerario romano: riti sepolcrali e ricorrenze commemorative. *Pagani e Cristiani, Forme e attestazione di religiosità del mondo antico in Emilia*, 11, 41-58.
- Rodrigues, S. (2004). *As Vias Romanas do Algarve*. Faro: Universidade do Algarve.
- Rodrigues, S. & Bernardes, J. (2003). *Per Loca Marítima – A via longitudinal do Algarve na época romana*. *Xelb*, 4, 135-144.
- Rodríguez Neila, J. (2008). *Los comitia municipales y la experiencia institucional romana*. In C. Berrendonner, M. Cébeillac-Gervasoni & L. Lamoine, dirs. – *Le quotidien municipal dans l'Occident Romain*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal, p. 301-315.
- Rossetti, A. (1999). Committenze e monumenti funerari nella Hispania Tarraconensis. *Anales de Arqueología Cordobesa*, 10, 231-262.
- Sánchez de Prado, M.ª D. (2018). *La vajilla de vidrio en el ámbito suroriental de la Hispania Romana*. Comercio y producción entre los siglos I-VII d.C. Alicante: Universitat.
- Santos, M.ª L. (1972). *Arqueologia Romana do Algarve*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. II.
- Seidel, Y. (2009). *Künstliches Licht im individuellen, familiären und öffentlichen Lebensbereich*. Vienna: Phoibos-Vlg.
- Silva, L. F. (2007). *Balsa, cidade perdida*. Tavira: Campo Arqueológico de Tavira – Câmara Municipal.
- Torres-Vila, L. & Mosquera Müller, J. (2004). Caracterización de las pepitas de vid de una ofrenda funeraria romana bajo-imperial (s. IV-V) de Los Bodegones (Mérida). *Memoria*, 7, 455-465.
- Vaquerizo Gil, D. (2010). *Necrópolis urbanas en Baetica*. Documenta 15. Sevilla – Tarragona: Universidad de Sevilla – Institut Català d'Arqueologia Clàssica.
- Vaquerizo Gil, D. (2011). De la agonía al luto. Muerte y funus en la Hispania romana. In C. Pacheco Jiménez, coord. – *La Muerte en el tiempo. Arqueología e Historia del hecho funerario en la provincia de Toledo*. Talavera de la Reina: Colectivo de Investigación Histórica Arrabal, p. 95-125.